

## O “REDESCOBRIMENTO” DO SAGRADO COMO LIBERTAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E RATZINGER

*Alex Sandro Nogueira Silva<sup>1</sup>*

113

**RESUMO:** A humanidade especificamente, caminha nessa era contemporânea através de discursos que moldam os indivíduos causando sua objetivação. Tais se originam dos pronunciamentos que circulam os sujeitos e este estão pautados pela linguagem do iluminismo, do capitalismo, da midiática e das tecnociências. A racionalização é um marco evidente nessa trajetória, pois em nosso tempo cresceu a cultura do que é visível, do consumo, do ousar saber; deixando de lado questões como a sacralidade, conseqüentemente o Transcendente – o Deus Cristão. Diante dessa historicidade de fatores crescentes, essa pesquisa inicia seu percurso acerca da questão do “discurso” e “o que este fez de nós hoje” e como não distanciar de Deus. Uma vez, que a modernidade pronunciou sua Morte, colocando a humanidade definitivamente na Sexta-feira da Paixão, objetivando os seres através da linguagem para garantir a legitimidade daqueles que ditam o poder. Nosso objetivo é apresentar um redescobrimto – uma ressignificação – do Sagrado como libertação, capaz de produzir a morte do próprio homem moderno. Para tal ação elaboraremos um diálogo metafórico entre Foucault e Ratzinger à luz da resiliência vivenciada pelos discípulos de Emaús.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade, discurso, morte, Deus, homem, Emaús

**ABSTRACT:** Humanity specifically, walks in this contemporary era through discourses that shape individuals causing their objectification. Such, originate from the pronouncements that circulate the subjects, and they are guided by the language of the Enlightenment, of capitalism, of mediatization, and technoscience. Rationalization is an evident milestone in this trajectory, because in our time the culture of what is visible, of consumption, of daring to know has grown; leaving aside issues such as sacredness, hence the Transcendent - the Christian God. Given this historicity of growth factors, this research begins its journey on the question of “discourse” and “what it has done to us today” and how not to distance itself from God. Once, that modernity pronounced its Death, placing humanity definitively on Good Friday, objectifying beings through language to guarantee the legitimacy of those who dictate power. Our goal is to present a rediscovery - a reframing - of the Sacred as liberation, capable of producing the death of the modern man himself. For this action, we will elaborate on a metaphorical dialogue between Foucault and Ratzinger in the light of the resilience experienced by the Emmaus disciples.

**Keywords:** Contemporaneity, discourse, death, God, man, Emmaus.

<sup>1</sup> Possui especialização em Teologia Contemporânea pelo Claretiano Centro Universitário (2019), graduação em Filosofia pela Faculdade Vicentina – Favi – Pr (2018) e-mail: alexsandro.css@outlook.com.

## INTRODUÇÃO

A linguagem sempre esteve intrínseca na vida humana e em cada época ela se serviu de alguma forma para se fazer presente. Se tomarmos como ponto de partida a dimensão das tradições históricas, percebemos que, desde os tempos remotos as primeiras civilizações, como na pré-história, utilizavam-se de pinturas para expressar um tipo de linguagem, as quais hoje denominamos como pinturas rupestres. Já os babilônios foram os primeiros povos a utilizar da linguagem codificada como código penal - a famosa Lei de Talião; os gregos do período antigo a utilizavam como a arte da oratória e ensino nas Academias. Na Patrística, filósofos como Agostinho acreditavam que o papel das palavras/linguagem seria remeter ao homem as lembranças que ele já possui em sua consciência, mas na modernidade, devido às revoluções, a linguagem tornou-se o meio pelo qual a ciência expressaria suas ideias e teorias, sobretudo pelos símbolos matemáticos. Hoje, devido aos avanços tecnológicos, a linguagem passa por uma certa metamorfose se tornando cada vez mais digital.

Vê-se que a linguagem percorre por todo o itinerário histórico da humanidade até a contemporaneidade, passando por ressignificações diversas. A linguagem faz parte do convívio dos homens, transmitindo uma cultura, proporcionando interação entre os indivíduos, permitindo que se possa fazer uma análise em que se descobrem as verdadeiras intenções de cada discurso. De acordo como Silva (2020), ao escrever *A essência de: A ordem do discurso*, compreendem o discurso como uma agilidade de fazer escolhas conscientes de ações, onde se busca tomar decisões a partir das informações preestabelecidas. Já Foucault, em sua obra *A ordem do discurso* (1970), o caracteriza por ser:

duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 1970, p. 7-8).

Nesse sentido, o discurso se apresenta como algo que está contido no ser que pronuncia, onde se pode expressar aquilo que cada indivíduo pensa, sonha

e quer. Há também a necessidade desse indivíduo estar contido em um grupo, sociedade, para que sua linguagem possa ser compreendida pelos demais. Sousa (2010), em *Discurso, autor e sujeito* dentro da obra *A Ordem do Discurso de Michel Foucault: uma análise metadiscursiva*, argumenta que o pensamento de Foucault é que “ao mesmo tempo em que o discurso nunca é inédito, o contexto de produção do mesmo é sempre original e inédito é o que determina que mesmo não sendo original todo discurso seja único” (p. 6). Através disto, pode-se ter a noção que qualquer discurso nunca é inédito, mas são ideias transmitidas por heranças de vários outros discursos que já foram proferidos, assimilados e tidos como seus, fazendo que se torne original, tendo em vista o contexto que determinado autor vivencia. Para tal elaboração, deve-se levar em conta o itinerário histórico que o ser, o detentor do discurso está, pois este deseja que tal ação se torne verdadeira, onde garanta sua legitimidade - seu poder - através do que fora dito.

O desejo de quem está à frente pronunciando um discurso é de tamanha importância, pois ele coloca suas vontades, podendo mascarar certos discursos, fazendo que algumas ações venham a ser “tabu” e outras se transformem em “grandes necessidades humanas”, ou seja, o discurso gera modos de ser, sendo capaz de formatar o sujeito. Diante disso, os indivíduos ouvindo se posicionam e se comportam diante dos jogos de linguagem que só os eles entendem, pois passam a se sujeitar totalmente por ele. Ao entenderem, passam a usar da linguagem enquanto instrumento de comunicação e dominação, ou seja, ao tomar tal fala como verdadeira, pode ser decorrente do âmbito político, religioso – homilia<sup>2</sup> –, científico ou até mesmo midiático, passa a tê-la como sua, faz uso dela inconscientemente e quer que outros passem a acreditar em tal convicção causando a dominação. Este processo não está alheio a pessoas menos ou mais instruídas. Podemos caracterizar isto como um “efeito domínio”, na qual a primeira peça, carregada de ideias, é lançada sobre as demais, acarretando as mesmas opiniões sobre as outras, quase impossível de não se alienar por tal discurso, uma vez que está contido de uma moral e ética ditadas pelos detentores do discurso que circula a modernidade. A grande pergunta que pode ser levantada por nós é: O que o discurso fez de nós e como não

---

<sup>2</sup> 52. A homilia, que é a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, é muito para recomendar, como parte da própria Liturgia; não deve omitir-se, sem motivo grave, nas missas dos domingos e festas de preceito, concorridas pelo povo. Sacrosanctum concilium

se distanciar de Deus uma vez que a sociedade contemporânea pronunciou sua Morte, colocando a humanidade definitivamente na sexta-feira da Paixão?

Diante disto, vamos percorrer sobre os principais fragmentos da análise do discurso elaborado pelo filósofo e historiador Michel Foucault, procurando uma resposta significativa, respondendo a primeira indagação. Em seguida, introduziremos o pensamento de Joseph Ratzinger para responder a segunda questão, pois segundo ele Deus, “Na sua aparente ausência e impotência, ele está realmente presente e dominante, naturalmente com uma soberania diferente daquela que os detentores do poder humano imaginam e também daqueles que não têm poder, mas o desejam” (RATZINGER, 2014,p. 124). Uma vez que a contemporaneidade pronuncia discursos de um Deus que já é conhecido ou uma ideia ultrapassada, os problemas práticos da sociedade e do indivíduo tornam-se mais urgentes e podem ser explicados pelo próprio sujeito. Porque falar de Deus não parece dizer de uma realidade prática, que condiz com o momento histórico, pois há discursos voltados somente para a grandeza humana, onde obtém suas respostas de si próprio. Uma vez que, este como suas verdades preestabelecidas falam de suas necessidades reais, fazendo com que o metafísico seja excluído de forma concreta ou usado para controlar as massas.

Para dar início apresentaremos agora as bases filosóficas do pensamento foucaultiano, presente na obra a “*A ordem do discurso*. Apresentando a noção do discurso e como este está em constante relação como o convívio dos seres humanos e como vai se concretizando conforme a sociedade vigente dita. Capaz de criar sistemas de exclusão, o discurso da morte de Deus, como também a criação da imagem do sujeito contemporâneo. Simplesmente implantando poder e desejos, até formatando vidas.

## 1. SISTEMAS DE EXCLUSÃO E O DISCURSO DA MORTE DE DEUS

Diante da classe vigente na sociedade, podemos relatar a existência de sistemas de exclusão, que podem partir do desejo de uma classe querer dominar a outra tendo o discurso como apoio dominante, que põe em jogo o poder e o desejo daqueles que ditam tais regras. Existem aqui três fases:

O primeiro sistema pode ser caracterizado pelo desejo, pois a sociedade em seu percurso histórico encontra marcas de discursos que estão voltados para a dominação, lutas, conquistas, entre outros. Ela é marcada historicamente por lutas e conquistas geradas por discursos que alienam, mas é

necessário que os indivíduos tentem traduzir o porquê se deve lutar pelo que conquistar ou dominar, ou ainda traduzir se é um simples desejo que nós queremos nos apoderar. Sendo assim, o discurso “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo” (FOUCAULT, 1970, p. 10).

O segundo sistema pode ser caracterizado como a vida cotidiana, onde cada indivíduo age das mais variadas formas e estilos. Todos seguem uma determinada forma e precisam se enquadrar na sociedade, pois se não houver esse enquadramento ganham aspectos diferenciados, a ponto de serem tachados como loucos só pelo fato de não estarem seguindo padrões que as grandes massas ditam. A dimensão do discurso é surpreendente, pois a ideia que este acarreta é capaz de controlar, selecionar e organizar, tendo por função conjurar poderes sobre os pequenos. Para tal, temos a seguir um exemplo clássico.

Se há um indivíduo pronunciando uma fala e é um homem que já tenha certa visibilidade pela sociedade ou por uma pequena parcela, este ganha os holofotes dos ouvintes através de sua fala. Se for um homem em situação de rua, seu discurso passará de forma despercebida, contra isto se salvam raríssimas exceções, e este é classificado como louco. Bernardes (2004, p. 248) relembra em seu artigo *Resenha de A ordem do discurso, de Michel Foucault*, que desde a alta Idade Média, o discurso que era proferido por um louco

era aquele cujo discurso não podia circular como os das outras pessoas, pois suas palavras eram consideradas nulas, portanto, despossuídas de verdade, ou, ao contrário, às vezes, se eram ouvidas, eram-lhes atribuídos estranhos poderes de predição de uma verdade escondida – de predizer o futuro.

É notório o quanto a sociedade pode excluir ou agregar um indivíduo simplesmente por aquilo que ele transmite pelo discurso. Sejamos o quanto o discurso pode ser rotulado e perigoso, onde nem o indivíduo que ganha os holofotes, nem o louco tem o direito de discursar sobre qualquer assunto, podendo haver uma separação, entre a razão e a loucura.

Por fim, o terceiro sistema de exclusão é do verdadeiro e falso, mas é arriscado considerá-los, pois, como comparar a

força da verdade como separações como aquelas, separações que, de saída, são arbitrarias, ou que, ao menos, se organizam em torno de contingências históricas; que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento;

que são em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência. (FOUCAULT, 1970, p. 13).

Há uma dificuldade em introduzir um novo discurso na sociedade que por séculos fora tomado como verdadeiro, exemplo disso é a teoria do geocentrismo, que se baseia na hipótese de que o planeta Terra estaria fixo no centro do Universo com os corpos celestes, inclusive o Sol, girando ao seu redor. Surge Copérnico, que dá nova visão a esse modelo geocêntrico, também Galileu Galilei, que deseja dar continuidade a esse discurso, passando a ver o sistema não mais a partir de uma visão geocêntrica, mas heliocêntrico, colocando o Sol no centro do Universo e os corpos celestes – inclusive o planeta Terra – girando ao seu redor. Devido ao pensamento da época e sob a autoridade da religião católica, os discursos de Galileu sobre essa teoria são contrapostos e tidos como falsos, pois havia nesse período um pensamento dogmático que se contrapunha ao pensamento científico. Ao analisarmos uma proposição no interior de um discurso, a separação não é arbitrária, modificável e institucional. Foucault busca referência em Platão<sup>3</sup>, que estabelece a separação do discurso verdadeiro e o discurso falso dentro de duas proposições importantes no que diz respeito ao enunciado, pois

<sup>3</sup> No diálogo *O Sofista* (1972), Platão trata a questão do verdadeiro e do falso, e temos esse exemplo quando o Estrangeiro e Teeteto discutem a respeito do discurso: “Estrangeiro – O discurso, desde que ele é, é necessariamente um discurso sobre alguma coisa; pois sobre o nada é impossível haver discurso. Teeteto – Certamente. Estrangeiro – Não será necessário, também, que ele possua uma qualidade determinada? Teeteto – Sem dúvida. Estrangeiro – Tomemos, pois, a nós mesmo, por objeto de nossa observação. Teeteto – É o que devemos fazer. Estrangeiro – Vou pronunciar diante de ti um discurso, unindo um sujeito a uma ação por meio de um nome e de um verbo; e tu dirás sobre o que é esse discurso. Teeteto – Se puder, assim farei. Estrangeiro – Teeteto está sentado, será um longo discurso? Teeteto – Não; aliás, bem curto. Estrangeiro – Cabe-te, pois, dizer a propósito de quem e sobre o que ele discorre. Teeteto – Evidentemente, a propósito de mim e sobre mim. Estrangeiro – E este? Teeteto – Qual? Estrangeiro – Teeteto, com quem agora converso, voa. Teeteto – Aqui, ainda, só há uma resposta possível: a propósito de mim e sobre mim. Estrangeiro – Mas cada um desses discursos tem, necessariamente, uma qualidade. Teeteto – Sim. Estrangeiro – Que qualidade devemos, pois, atribuir a um e outro? Teeteto – Poderemos dizer que um é falso, outro verdadeiro. Estrangeiro – Ora, aquele que, dentre os dois, é verdadeiro, diz, sobre ti, o que é tal como é. Teeteto - Claro! Estrangeiro - E aquele que é falso diz outra coisa que aquela que é. Teeteto – Sim. Estrangeiro – Diz, portanto, aquilo que não é. Teeteto – Mais ou menos. Estrangeiro – Ele diz, pois, coisas que são, mas outras, que aquelas que são a teu respeito; pois, como dissemos, ao redor de cada realidade há, de certo modo, muitos seres e muitos não-seres” (PLATÃO, 1972, p. 196-197).

chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência [...] doravante, o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder (FOUCAULT, 1970, p. 15).

O discurso ganha várias significações diante da história. Por séculos o discurso como a única fonte de verdade era o religioso, considerado verdadeiro porque era pronunciado pela autoridade eclesiástica, o que dava legitimidade ao que estava sendo dito. Mas hoje a sociedade está cada vez mais racionalizada e o conhecimento se dá na ciência, na política, na economia, entre outros saberes. Vale salientar o fato de que muitos estão se alienando a esses novos discursos, tomando-os como únicas fontes de verdade, como veremos mais adiante.

### 1.1 SUJEITO E SOCIEDADE

A linguagem proporciona de certa forma uma alienação, pois ninguém estrará na ordem do discurso, sem que passe por certas exigências. Sendo assim, a concepção marxista de alienação se traduz em

os indivíduos procuram apenas o seu interesse particular, o qual eles não coincide com o seu interesse comunitário – a verdade é que o geral é forma ilusória da existência a comunidade-, este é feito valer como interesse que lhes é “alheio” e “independente” deles, como um interesse “geral” que é também ele, por seu turno, particular e peculiar ou eles próprios tem de se mover nesta discórdia, como na democracia. (MARX E ENGELS, 1982, p.25)

Foucault (1978), bebendo do pensamento de Marx, caracteriza a alienação como uma sujeição ao discurso, que não pode ser senão o discurso do outro, ou seja, “o homem tem acesso a si mesmo como ser verdadeiro, mas esse ser verdadeiro só lhe é dado na forma da alienação” (p. 575). Diante disto, o discurso no qual o sujeito pronuncia uma fala precisa entrar em uma ordem que a sociedade vigente dita, pois é necessário que esse mesmo indivíduo esteja apto para proferi-los, sendo que existem outros em que não há necessidade de um conhecimento prévio para ser ditos pelo sujeito, mas que estão à disposição de cada ser que fala.

Para a construção de uma nação, percebemos que muitos povos adquiriram conhecimento na maioria das vezes por meio de trocas de experiências com outras civilizações, através de gestos e signos. Esses que só poderiam funcionar se houvesse certo tipo de ritual preestabelecido (um jogo), um desejo de aprender que cada indivíduo apresenta. O ritual se caracteriza por

qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 1970, p. 37).

120

Isso garante a função e conserva as regras, e até mesmo sua continuidade, que seus detentores devem seguir, como por exemplo nas religiões, cujos adeptos são limitados em seus signos e gestos a toda ritualização que caracteriza essa crença.

O discurso doutrinado torna-se um perigo, pois o sujeito que fala e anuncia um enunciado pode ser causa de agregação ou de separação, ao ponto de o indivíduo utilizar-se de mecanismos de rejeição ou de aceitação que entram em certos jogos, que pertençam a certas classes, status social, nacionalidade, de luta e de revolta. Assim, “a doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (FOUCAULT, 1970, p. 41).

A busca pelo conhecimento sempre esteve presente na humanidade, mas nunca foi acessível a todos. Vivemos em tempos onde aqueles que detêm o poder sobre a maioria muitas vezes querem que fiquem submissos aos seus comandos, impossibilitando às vezes que tenham uma educação de qualidade, para que não crie uma reflexão sobre o contexto onde vivem.

Aqueles que são detentores do poder, os sujeitos dos discursos, utilizam-se de uma “maneira política de manter ou de modificar apropriação dos discursos, como os saberes e os poderes” (FOUCAULT, 1970, p. 41). Fazendo com que o homem moderno se designe a sua própria verdade de ser alienado, se constituído por tais discursos doutrinados que os limitam, antes mesmo do homem apoderar-se de se mesmo, simbolizando um campo de alienação. Sendo banido do seu próprio eu e sendo subjetivado, pelas concretizações de verdade ditas pelos detentores dos discursos.

## 1.2 MÍDIA E CRIAÇÃO DE IDENTIDADE

A sociedade contemporânea está organizada a partir de fenômenos que marcam definitivamente a era moderna. Um dos elementos dessa era é a cibercultura. Esta que integra uma relação de tecnologias e de comunicação fornecendo informação e cultura. Os meios de comunicação digitais ou cibernéticos se materializam-se em textos – linguagem figurativa – que circulam atingindo um grupo ou todas as massas. Sendo assim, o discurso - e, neste caso, iremos chama-lo de interdiscurso – não é transparente ao sujeito, pois este pode interpretar apenas alguns fios que se destacam das teias de informações que são lançadas no campo real social. Como já sabemos, qualquer discurso tem um intenção a passar ao remetente, causando um efeito de coerência e unidade que é construído por certas negociações discursivas que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão e permitem que um texto possa “estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível” (FOUCAULT, 2004, p. 121-122).

Os indivíduos criam uma certa ilusão de unidade de sentido dos discursos que são ditos pela mídia. As mídias têm como papel de mediação entre seus leitores, ouvintes ou telespectadores com a realidade. Tudo que ela produz não é a realidade, mas uma construção que permite ao sujeito produzir formas alegóricas, metafóricas, da representação da sua relação com a realidade concreta, às vezes tornando os seres doces, instigando desejos a estes, subjetivando sua liberdade, atravessando com ideias ditadas pelos detentores dos discursos. Gregolin (2017, p. 16) acredita que na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo

[...] por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente

A mídia interpela incessantemente o sujeito através de textos verbais e não-verbais, compondo aspecto da sua própria história, fazendo isto por meio de ressignificação de imagens e palavras. Há uma domesticação do corpo pelo discurso através da midiatisação, criando uma identidade

mediante a historicidade que lhes é contada por estes meios. Esse modelo de pessoas criadas é útil, pois são estabelecidos estereótipos que vão regulando seus saberes, tornando-se igualitários e fáceis de serem controlados, porque agem e pensam de forma uniformizada. Assim, podemos dizer que a função da mídia é a criação da identidade, como também da cultura, por exibir um discurso contínuo que se dá pelo sujeito detentor da informação, do poder, ao indivíduo através de uma intensa e infinita rede de discursos.

### 1.3 A TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Hoje, a sociedade passa a compreender o universo a partir da linguagem lógica do conhecimento empírico. Com a globalização, o conhecimento científico e tecnológico se torna mais acessível aos homens, fazendo com que seus discursos também estejam voltados para estas questões, pois a linguagem que estes imprimem tece uma teia de verdades que são estabelecidas e se tornam senso comum. Podemos entender a linguagem científica e tecnológica como um pressuposto teórico, algo natural que constitui o sujeito contemporâneo, fazendo com que esteja integrado nessa nova era tecnocientífica. Os discursos dessa natureza já são de ordem familiar ao indivíduo, fazendo que não seja mais perceptível na vida cotidiana.

Apesar da linguagem científica e tecnológica apresentar uma forma impessoal de um autor aparentemente ausente, ela apresenta suas especificidades. O autor que produz um texto ou discurso faz com que suas representações e interesses sobressaiam com suas ideias que emanam dos seus conhecimentos. E seu discurso conjuga verbos na terceira pessoa do singular; assim, essa suposta forma representa uma neutralidade do discurso científico, sem que os outros pensem que haja uma intervenção humana. É como se a própria descoberta falasse por si mesma, e o sujeito permaneça oculto (AUTHIER, 1982). Através disto, o discurso tecnocientífico é identificado e tomado como “verdade” absoluta, pois representa a lógica do pensamento hodierno.

A sociedade, sob o enfoque desta luz vinda da linguagem, dirige seu conhecimento aos métodos científicos e tecnológicos que são de extrema exatidão. A verdade passa ser considerada somente por estes veículos, pois metodologicamente dá explicações plausíveis aos mistérios que geraram medo nos seres, tornando a verdade visível e explicável pelos homens aos homens.

Nesta altura, podemos concluir que o discurso tem seus desfechos pautados em questões históricas, do indivíduo singular sobre a sociedade, as classes sociais e os meios de lutas; de como os homens constroem sua identidade, diante das linguagens proferidas pela mídia e pela tecnociência e tantas outras formas que os circulam. Vemos que tais questões estão relacionadas ao convívio dos seres, ou melhor, ao itinerário histórico, sendo que esses vão se caracterizando conforme o que a sociedade vigente dita sobre o que se pronuncia ou que se escreve, ou seja, aquilo que a linguagem proporciona.

Foucault (1970) dá um alerta que pretende chamar a atenção para o modo como os discursos vigentes na sociedade tendem a estabelecer relações sociais pautadas pela ótica hegemônica derivada da visão de mundo dominante. O filósofo não permite que os processos de subjetivação se instalem na sociedade, por isso conclama a todos os homens a analisar o que se esconde por trás dos variados discursos sociais. O que podemos concretizar é que o discurso atravessa o sujeito, tornando um produto, um objeto, criando o que é o homem hoje, um ser desejante e dominado por aqueles que detêm o poder através da linguagem. O indivíduo se torna subjetivado pelo discurso, tendo sua liberdade retirada e governada sem que saiba.

O homem está cada vez mais alicerçado por estas ideias, oriundas dos detentores do discurso; uma vez que tais linguagens foram capazes de pronunciar a Morte de Deus, proclamada por alguns pensadores do início do século XX, para legitimar – ou criticar – o poder político, econômico, midiático e tecnocientífico. O motivo principal é a escravização do sujeito, causando um esvaziamento, um silenciamento da fé, que se configura na pessoa de Deus. E quando o ressuscitam, o discurso sobre ele está novamente pautado pelo desejo e poder, para segurar a opinião daqueles que os detêm, deixando a humanidade definitivamente na sua “Paixão”. Mas ao contrário deste ato, que é celebrado com êxito, e uma vez que já fora proclamado no fim do século XIX e se prolonga até os tempos atuais, é necessário um espírito novo, configurando na esperança e passando para o “Domingo da Ressureição”. Para dar sequência a toda essa problematização, é necessário caminhar em alguns fragmentos que compõem a sociedade atual, capaz de robotizar o discurso sobre o sagrado e colocando a humanidade em sua Paixão definitiva.

## 2. A “ROBOTIZAÇÃO” DO DISCURSO SOBRE O SAGRADO E A “PAIXÃO” DEFINITIVA

Através da pronúncia da morte de Deus, o mundo passa a viver em uma angústia fatal de uma ausência, a um silêncio escravizador do sujeito, que o faz tomar isso como verdade, ocorrendo o ocultamento desse “Ser”. Mas isso não é importante no momento, pois ainda iremos trabalhar com clareza ao longo do texto. O ponto central nesse momento é caminharmos sobre algumas ideias de discursos que colocaram Deus em sua obscuridade, passando agora a criatura e o que a criatura cria serem os protagonistas no contexto histórico moderno.

A contemporaneidade marca a superação oriunda através do discurso sobre a morte de Deus, abrindo um caminho que gera aos homens a liberdade, mas que também é controlada, pois há uma moral e ética a ser seguida. A modernidade faz com que a linguagem proferida pela política, economia, mídia, ciência e tecnologia sobressaia aos discursos religiosos. Friedrich Nietzsche proclamou a morte de Deus<sup>4</sup> como uma possibilidade da libertação sobre a metafísica. Para Rocha (2011, p. 148), Nietzsche expôs a morte de Deus, como

[...] a morte de uma estrutura epistemológica linguístico-teológica sobre a qual foram erigidos os cânones da Teologia Cristã em sua expressão ortodoxa, sobretudo no âmbito da dogmática. No verso da certidão de óbito de tal estrutura epistemológica está a certidão de nascimento da pluralidade de epistemologias [...].

<sup>4</sup> Nietzsche (2000, p. 68) demonstra cuidadosamente o tema da morte de Deus, sobretudo no aforisma 125 do seu livro: *Gaia Ciência*. “Nunca ouviram falar do louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública, gritando sem cessar: “Procuro Deus! Procuro Deus!” Mas como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, o seu grito, provocou grande riso. “Ter-se-á perdido, como uma criança?”, dizia um. “Estará escondido? Terá medo de nós? Terá embarcado? Terá emigrado?” Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?”, exclamou, “é o que lhes vou dizer. Matamo-lo vocês e eu! Somos nós, nós todos, que somos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos quando desprendemos a corrente que ligava esta terra ao Sol? Para onde vai ela agora? Para onde vamos nós próprios? Longe de todos os sóis? Não estaremos incessantemente a cair? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um abaixo? Não estaremos errando através de um vazio infinito? Não sentiremos na face o sopro do vazio? Não fará mais frio? Não aparecem sempre noites, cada vez mais noites? Não será preciso acender os candeeiros logo de manhã? Não ouvimos ainda nada do barulho que fazem os coqueiros que enterram Deus? Ainda não sentimos nada da decomposição divina? Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos!”

Não há necessidade de acreditarmos que o Deus morto é o Deus da fé, mas acreditando que seja, isso possibilita o sujeito na modernidade a se enquadrar na sujeição das mais variadas pluralidades epistemológicas. Acreditam e ditam sua morte como uma bênção, pois liberta o indivíduo dos discursos provenientes dos pensamentos metafísicos, éticos e morais. Tal morte caracteriza o findar de uma visão global de universo, que era fundamentada em princípios próprios e considerados verdadeiros, oriundos de conceitos teológicos ou filosóficos. A disposição do sujeito caminha para o ateísmo, pois são produzidos elementos que promovem tal aptidão.

A modernidade aponta para crescimento do ateísmo; os ateus contemporâneos organizam-se em grupos e associações, tendo em alguns deles até caráter político. Pode-se dizer com Franco (2018, p. 26) que há um certo “empoderamento dos ateus na sociedade atual, a partir das possibilidades que a secularização e o Estado laico trouxeram”. Assim, a morte responde a um adeus aos velhos costumes colocados pela metafísica e pela religião, e a compreensão se coloca no horizonte existencial, da vida concreta, da realidade visível sobre a vida humana.

## 2.1 ENTRE DEUS E O CAPITALISMO

A estrutura instaurada aos saberes na modernidade se dá do próprio homem ao homem, decorrente aos créditos dados a partir da morte de Deus. O momento instaura a compreensão de uma singela libertação dos discursos que eram pautados pela fé e pelo dogma, abrindo um leque para os atributos da razão. O que torna plausível frente a isto é um possível caminhar sobre a multiplicidade da concretude da vida humana, onde efetivamente ocorrem as experiências humanas, e o que é mistério seja apagado de sua história.

O rosto do homem contemporâneo se torna um rosto moldado, pois este coloca seu corpo ao serviço do discurso, que o circula no momento atual, pois o social é ditado pelas ciências e tecnologias e, por fim, pelo desejo. Criando uma economia que se encontra neste molde, marcada pela estrutura moderna oriunda do capitalismo, dizer hoje que o homem é flexível ou programado se torna totalmente equivocado, já que

se o comportamento é universal ou varia entre as culturas, se os atos são aprendidos ou inatos, se somos essencialmente bons ou essencialmente maus.

Os humanos comportam-se de maneira flexível porque são programados: suas mentes são dotadas de software combinatório capaz de gerar um conjunto ilimitado de pensamentos e comportamentos[...] (PINKER, 2004, p. 67).

Mesmo tendo esse software, o homem ainda é um objeto mediante a programação oriunda do capitalismo, seu inatismo cai nas falsas crenças que lhes são colocadas. Queiroz (2006), em seu artigo *Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno*, aponta que o capitalismo é um fato

que, a partir da segunda metade do século XX, grandes transformações aconteceram no âmbito da produção e do consumo, que abalaram o modo de vida moderno[...] A tecnociência – ciência aplicada à tecnologia, da eletrônica, que fazem explodir o consumo[...] denomina de “sociedade das utilizações não duráveis”. Veloz, efêmero, descartável, volúvel, desenraizado, eis a fisionomia do homem pós-moderno, feita à imagem e semelhança dos objetos que ele consome (p. 4).

O indivíduo sem o controle do seu corpo é sujeitoado, pois é mergulhado no universo de informações que o impede de se livrar das imagens falsas e enganadoras, estas o atravessam, oprimindo de acessar a realidade existencial, onde perde a imagem do Criador, e seu corpo assume a forma de um objeto controlado, postulado e gerado universalmente. A humanidade está muito longe de sair de tal situação, pois a contemporaneidade descreve a ascensão cada vez maior do capitalismo. Sendo assim, o discurso sempre estará envolto do consumo, das trocas lucrativas, sobre a capacidade humana de trabalho e formatação; sustentadas pelas falsas crenças impostas e haverá sempre uma maneira nova de ver o mundo decorrente daqueles que o ditam.

Para que o indivíduo saia de tal situação definida do mundo de hoje ditado pelo capitalismo, o pensar foucaultiano propõe ao homem sua própria morte, onde este seja capaz de fazer uma verdadeira crítica à racionalidade moderna que emana de discursos de ideia unificadoras e totalitárias do método, de como se deve observar e viver no mundo. A morte do homem inicia a retomada do pensar e do saber como uma libertação das concepções que lhes foram dadas, partindo do pressuposto que todo homem interage e interdepende do outro,

E isso não constitui liberação de uma velha inquietude, passagem à consciência luminosa de uma preocupação milenar, acesso à objetividade do que, durante

muito tempo, ficara preso em crenças ou em filosofias: foi o efeito de uma mudança nas disposições fundamentais do saber. O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. (FOUCAULT, 2000, p. 536)

## 2.2 ILUMINISMO E AUTONOMIA

Um outro fator importante na história do homem, antes mesmo do capitalismo, é o discurso pautado pelas ideias do iluminismo, que foi um movimento intelectual proclamado no século XVIII. Esse período proporcionou ao homem a se assumir como seu próprio tutor, ousar saber. Para Kant (1784, p. 5),

o iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo.

As ideias trazidas desse pensar possibilitam ao homem crer no poder da razão, para então produzir a liberdade, substituindo as convicções teológicas medievais pela razão como árbitra da verdade e compreensão da realidade. Isso traz à tona uma singularidade, um despojamento de qualquer interesse religioso, pois a realidade que representa é uma realidade construída por paradigmas dogmáticos. E em nosso tempo, o paradigma gritante na sociedade é formado pela liberdade, pelo consumismo e pelo desejo.

Para caracterizar tais ideias foi necessário que ocorresse uma cisma frente ao pensar religioso em relação ao sujeito maioritário, pois revela uma dimensão de superstições. Como também a criação de discursos de anticlericalismo, antidogmatismo e anticristianismo, alterando o encantamento do mundo pelo ousar saber humano. Sendo assim, a modernidade pautada por essa dimensão conduzirá “o homem à sua completa autonomia, até mesmo na religião [...]” (ARMANI, 2007, p. 171). Uma vez que a religião serve somente da crença no sobrenatural e o utiliza como o único critério de verdade, não sendo visível aos olhos humanos, o “ouse saber” viria a proporcionar a utilização de métodos rigorosos de observação para explicar a realidade.

### 2.3 DA SECULARIZAÇÃO AO “GRANDE SÁBADO SANTO”

O mundo, com todos esses avanços, situa a humanidade na secularização, fazendo com que a morte de Deus não seja uma simples negação e sim um processo no qual o discurso dirige o divino para o profano e o que era profano passa a ser apreendido como sagrado. A secularização não proclamou a morte de Deus,

apenas implicou, sem dúvida, uma deslocação do sagrado para âmbitos até então considerados profanos. Aliás, para âmbitos que tinham passado a ser considerados profanos precisamente por influência da noção bíblica de sagrado: a indomável força da natureza; o inquestionável poder político de alguns ou de certas instituições; o misterioso poder da ciência, como nova magia; a força determinante e sobre-humana das ideologias. (DUQUE, 2011, p. 21)

A concretude devolutiva da modernidade demonstra que a permanente ideologia do transcendente se concentra no próprio sujeito humano. Para tal, a transformação da secularização concretiza a radicalização da individualidade, onde o indivíduo concentra sua experiência com o sagrado para si próprio. O sujeito contemporâneo, é aquele indivíduo que se possibilita experimentar as mais variáveis formas de sagrado existente no mundo atual, pois esse não favorece a criação de um vínculo definitivo com tais sacralidades. O sagrado moderno torna o homem uma verdadeira máquina controlável, pois este segue um processo de relação subjetiva, tornando um ser sempre desejante. Estabelecendo, assim, uma rede permanente, que se traduz no consumo de várias fontes de sacralidades.

Neste contexto, o resultado é a perda de credibilidade do próprio “eu”, como também da “fé” pela “razão” imposta e por aqueles que estão no controle. A modernidade passou a declarar um conjunto de tentativas para substituir Deus pelas divindades proclamadas pelo discurso científico, tecnológico e político, que se sucumbiram ao poder da economia, e, na atualidade, também nas práticas midiáticas. Com isto, vão se criando modalidades de seres humanos “que se auto divinizam, divinizando uma razão que, progressivamente, se vai tornando um órgão abstrato que escraviza cada ser humano concreto” (DUQUE, 2011, p. 22).

O discurso na sociedade contemporânea enfatiza a criação da imagem de Deus na concepção humana como morto, dando ao homem uma imagem moderna adequada a nova percepção atual de realidade. No Evangelho segundo

Lucas 23, 46, encontramos o discurso da morte de Deus, “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (A BÍBLIA, 2016, p. 1832). Com este anúncio, Deus nos coloca na dimensão de sua morte, mas para os que creem ainda havia esperança. Nesse momento da cruz ainda podiam olhar para aquele que fora transpassado. O pior não está nessa circunstância da morte, e sim no sepultamento, onde se coloca uma pedra que encerra a dimensão da fé e da esperança no que era totalmente visível, concretizando nos seres que estavam norteados sobre uma infinita visão fanática.

Depois da morte proclamada pelo cristianismo no contexto histórico bíblico, o seu sepultamento a Igreja denominou de Sábado Santo e a contemporaneidade sincretiza como o fatalismo tem o seu fim, e o indivíduo toma o lugar do Deus morto e não tem o medo de usar sua razão. Ratzinger (2014, p. 142) faz uma menção no que se refere a esse século diante da coragem da humanidade em matar Deus, em que o sujeito o mata

encerrando-o no invólucro rançoso dos pensamentos habituais, exilando-o numa forma de piedade sem conteúdo de realidade e perdida entre frases feitas ou preciosidade arqueológicas; nós o matamos por meio da ambiguidade da nossa vida, que estendeu um véu de escuridão também sobre ele [...].

#### 2.4 O “DEUS” DINHEIRO

As ideias que nos vão constituindo a sociedade geram uma nova fisionomia, uma profanação de Deus através da representatividade que constitui. Portanto, o “Ser de Deus” é moldado aos modelos discursados pelos detentores do discurso, atravessando a humanidade com tais palavras. Em uma era que o ousar saber parte cada vez mais do conhecimento tecnocientífico, estando interligado às condições que o capitalismo propõe, sem falar da midiaticização e da cibercultura, e o poder que ambas exercem. Podemos dizer que a pessoa de Deus caiu em uma perversão do que é verdadeiramente e ganha uma nova distinção que “o” caracteriza. Essa nova distinção sacraliza os holofotes da economia e caracteriza seu poder, subjetivando e objetivando o indivíduo.

Diante disto, o homem moderno é tomado por tais ideias oriundas do capitalismo; conseqüentemente a secularização, favoreceu os discursos da racionalidade e da laicidade. Com isso alterou a forma do indivíduo de ver e

de compreender o mundo. Rosada, em *Divinização do Dinheiro, secularização de Deus* (2007, p. 3), diz que

Nesse ambiente de modernidade já estabelecida, a forma de apreensão do sujeito sobre o que ocorre ao seu redor e suas tomadas de atitudes são guiadas pela racionalidade. À medida que uma sociedade se moderniza, na mesma medida se racionaliza e, num processo quase que natural, se direciona proporcionalmente para um conhecimento mais objetivado. A subjetividade perde campo de importância e é deixada, aos poucos, de lado.

130

É notória a existência de um processo pelo qual o pensamento moderno se objetiva e as mudanças na relação entre o sujeito e suas ações. Para que o indivíduo atinja seu fim desejado em uma ação, são necessários sistemas e objetos cada vez mais complexos. Essa metamorfose na maneira de pensar é o resultado do progresso da objetividade de pensamento, faz com que ocorram mudanças nas estruturas sociais, como na cultura. E em um processo capitalista moderno, a cultura está pautada pelo consumo, dessa forma o rosto de Deus se torna o dinheiro, uma vez que esse por último torna-se o elemento essencial e dinâmico por primazia da sociedade. De fato, a economia passou a estar em tudo e em todos, assim, visivelmente o dinheiro concretiza ser onipresente; é como se ele assume as características de Deus, preenchendo todas as lacunas do mundo moderno. A proporção que o dinheiro toma é surpreendente, pois ele é capaz de comprar a paz, a felicidade e tantas outras coisas. Podemos dizer com Waizbort

Nada mais natural então do que o fato do dinheiro se tornar o deus do mundo moderno; nada aproxima-se tanto e tão bem da ideia de deus, onipotente e onisciente, do que o dinheiro. A analogia deus-dinheiro é também especialmente elucidativa não só porque ambos significam a paz, tranquilidade e felicidade, mas sim também porque ambas são ideias que fornecem uma unidade à multiplicidade e um sentido às idiosincrasias do mundo. WAIZBORT (2000, p. 163-164).

A sacralidade que envolvia o Ser de Deus, que fora proclamada por séculos, é deixada de lado, uma vez que o dinheiro ocupou seu lugar até nas áreas da subjetividade. Sendo assim, ele se tornou o Deus da contemporaneidade, e com a abstração racional conseguiu estar em todos os espaços da vida humana e a preencher. Como esse marco na história, a sociedade transmiti a ideia,

consequentemente que o Deus cristão não pode mais estar neste cosmo, pois o que permanece neste momento são somente as ações humanas. Para Ratzinger (2014, p. 179) “a nossa ideia das leis naturais já não nos permite mais pensar facilmente em uma ação de Deus no nosso mundo. Parece que não exista espaço para que possa agir o próprio Deus na história e na minha vida”.

A partir das ideias supramencionadas, fica evidente que a contemporaneidade, direciona a humanidade a permanecer em um grande Sábado Santo, pois possibilita aos indivíduos colocarem um véu de obscuridade, gerando a morte definitiva de Deus. Assim, assegurando o controle sobre o homem, e esse vivencia um congelamento do seu próprio ser, uma vez que se encontra envolto de tais regras que garantem o poder daqueles que as ditam. E esses não conseguem sair de tal sistema, visto que, se nadarem contra a correnteza serão tachados como loucos. Dessa forma, cada vez mais, Deus vai ganhando novos rostos diante dessa sociedade moldada, atravessada pelo discurso, dando a Ele uma linguagem ressignificada e, como novas simbologias, completamente vazia.

Para tanto, percorreremos em um novo sentido, diante dessa “Paixão” proclamada sobre a morte de Deus e suas novas reestruturações. O caminho seguinte nos ajudará a sairmos desse obscuramento que envolveu o indivíduo, com a iluminação do Domingo da Páscoa, tendo como base a passagem dos discípulos de Emaús do evangelista Lucas e a tomada de consciência que se traduz na resiliência.

### 3. PARTIR DA PAIXÃO AO DOMINGO DA PÁSCOA

Um marco em todo esse levantamento feito, se pode dizer que o discurso propagado na contemporaneidade faz com que os indivíduos deixem conceitos de séculos passados. Deixando de lado lutas sangrentas pautadas por ordens sociais fundadas em dogmas ou até a existência de Deus, pois “com o sucesso da pesquisa da natureza e da técnica pela ligação entre matemática e empiria aquém do dogma, passou a crescer a distância da razão frete a religião” (DIERKEN, 2014, p.7). O novo sentido faz com que o indivíduo recusa o que fora proclamado sagrado – como Deus – pela religião ou pela cultura, fazendo com que aconteça um obscuramento, e estes aspiram o novo pensamento pautado pela linguagem moderna.

132

Não muito distante do pensamento contemporâneo, no itinerário Bíblico, quando os romanos decidiram pela morte de Jesus por influência dos judeus, a cruz foi um momento crucial, marcante na história daquele povo, pois a humanidade de Deus foi revelada totalmente, mesmo com todo o sofrimento; o transpassado é contido em sua Paixão, e o que restava para seus seguidores era ainda poder vê-lo. Após este momento, os indivíduos decai sobre um abismo, se direcionando ao mistério terrível do Sábado Santo, um silêncio do dia que se proclama o ocultamento de Deus, pois como os católicos professam no Credo com as seguintes palavras “desceu à mansão dos mortos”, Deus desce para o mistério da humanidade de todos os tempos à morte, onde toda a esperança é perdida, caindo no vazio do Sábado Santo. Podemos dizer com Ratzinger que o significado do Sábado Santo está enterrado sobre a “pesada pedra do sepulcro novo encerra o defunto, tudo já passou, a fé parece estar definitivamente desmascarada como fanatismo” (2014, p. 142), e ainda que “Nenhum Deus salvou esse Jesus que se arvorava em Filho dele. Todos podem ficar tranquilos: os prudentes, que inicialmente haviam titubeadado um pouco em seu íntimo, na dúvida de talvez tudo não fosse verdade, agora sabem que tinham razão” (RATZINGER, 2014, p. 142).

A descrença que foi vivenciada por aquele povo é salvaguardada e reinventada pelo discurso nesse novo milênio, como foram apresentadas em algumas ideias no capítulo anterior. Na contemporaneidade, a imagem de Deus é violada, impossibilitando de vê-lo, pois ganha uma nova pedra em seu túmulo. Assim, o nosso século começa “a ser um grande Sábado Santo, dia da ausência de Deus, no qual até os discípulos têm um vazio congelante no coração, que aumenta cada vez mais e por isso se preparam, cheios de vergonha e angústia para voltar para casa [...]” (RATZINGER, 2014, p. 142).

É necessária uma ressignificação em nosso tempo à luz a experiência dos discípulos de Emaús, pois sem darem conta, andavam com “Aquele” que acreditavam estar morto. É fundamental nesse período o homem passe pela sua própria morte, sendo capaz de fazer a verdadeira crítica à racionalidade que compõe a modernidade. Assim, o indivíduo retoma o pensar – o ousar saber – como uma libertação dos discursos que os atravessam que acabaram o objetivando.

### 3.1 OS DISCÍPULOS DE EMAÚS COMO EXEMPLO DE RESSIGNIFICAÇÃO DE DEUS

A morte de Deus em Jesus mostra à humanidade uma radicalidade, Ratzinger (2014) diz que “A morte de Deus em Jesus Cristo é o mesmo tempo expressão de uma radical solidariedade conosco. O mistério mais obscuro da fé é o mesmo tempo o sinal mais claro de uma esperança que não tem limites.” (p. 143). Essa morte foi necessária, pois o silêncio existencial do Criador para sua criatura provocou uma angustia envolvente em todos os seres; proporcionada a estes uma emancipação, saindo das amarras que construíram erroneamente d’Ele e após sua ressurreição, o vivenciando verdadeiramente. Para se chegar ao domingo de Páscoa, é necessário percorrer a profundidade existencial do Sábado Santo consequentemente da sua Paixão; há nesse evento um critério de unidade que nos leva à racionalização de todo o mistério.

O domingo de Páscoa corresponde à sacralidade da verdadeira experiência que a humanidade deve passar diante dos anúncios da morte de Deus nessa era. Neste domingo, a Eucaristia representa o triunfo e a vitória de Deus sobre a morte enquanto memorial da Páscoa que leva ao cumprimento da vida divina. Nesse itinerário contemporâneo, o mistério envolvente faz com que a humanidade caminhe à procura de uma vida no constante infinito.

No episódio de Emaús, Lucas (24,13-35) mostra a todos a capacidade que os indivíduos têm em fazer resiliência. Os discípulos “Eis que dois deles viajam [...] a sessenta estádios de Jerusalém; e conversavam sobre todos os esses acontecimentos. Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles; seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo” (A BÍBLIA, 2016, p. 1833). A relevância aqui estar nos olhos fechado, no caminhar para Jerusalém, mas os fatos que devem ser levando em conta encontram continuação do texto bíblico

Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram, dizendo: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina”. Entrou então para ficar com eles. E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. E disseram um ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para

Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, que disseram: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão. (A BÍBLIA, 2016, p. 1833)

O reconhecimento a partir do “abrir os olhos e o voltar” coloca todos nós a estar contra o que a sociedade contemporânea proclama sobre a morte de Deus. O indivíduo deve proclamar sua transformação mesmo diante de todo esse ocultamento que se deu a Deus, e deverá fazer novas interpretações sobre a sociedade a partir da comunidade reunida que se dá na fração do pão – na Eucaristia – Ratzinger, já eleito papa, em seu discurso de abertura da Conferência de Aparecida, em 13 de maio de 2007 nos lembra que

O domingo significou, ao longo da vida da Igreja, o momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado. É necessário que os cristãos experimentem que não seguem um personagem da história passada, senão o Cristo vivo, presente no hoje e no agora de suas vidas. Ele é o Vivente que caminha ao nosso lado, descobrindo-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa, entrando em nossas casas e permanecendo nelas, alimentando-nos com o Pão que dá a vida. A eucaristia deve ser o centro da vida cristã. RATZINGER (2007, p. 116)

Percebemos que o homem contemporâneo é moldado – atravessado – diante dos discursos que os circulam oriundos daqueles que ditam a regras na sociedade. O ousar a saber nesse período deve ser direcionado aos indivíduos como a retomada da consciência com alto domínio do seu corpo. O abrir os olhos e o voltar se faz necessário nesse período da história e se deve fazer comunitariamente para que possa emancipá-lo, trazendo a sua razão uma ressignificação de sua vida de maneira global frente a linguagem proclamada.

Nesse período a sociedade moderna precisa retomar o pensamento de Foucault (2000), no qual ele propõe a morte do homem, com o uma libertação das concepções das invenções recente. É necessário para o homem saia dos efeitos que causam alienação diante daquilo que é dito e produzido, causando sua objetividade. Sendo assim, o homem moderno “é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente.” (FOUCAULT, 2000, p. 536).

O redescobrimto do Sagrado nessa era deve perpassa pela própria libertação do homem, para Ratzinger (2014) “Cristo é mostrado como um grande

mestre de moral que liberta o homem das cadeias do culto e do rito e o coloca diante de Deus só com a sua consciência pessoal, sem outras mediações” (p. 72). Em outras palavras é preciso um projeto que deva ser realizado pelo indivíduo, que revela ao sujeito sua própria natureza de filho do Criador. Os libertando dos cultos e ritos que foram criados para o alienar proporcionando a morte de si diante o Transcendente frente as ideologias que os cerca nesse momento. Segundo Júnior e Mendes nos falam através do pensamento foucaultiano que

o Homem possui por definição uma constituição histórica. É fruto da relação de poder; é um enunciado social. Para o pensador, o Homem é uma emanção de um complexo de relações de poder, é fruto de uma episteme, é construído dentro de um conjunto de estratégias de poder. Para Foucault, o Homem é apenas uma figura do saber contemporâneo. É, antes de tudo, objeto de poderes, ciências e instituições. (2015, p. 97)

Para sair destas amarrar é necessário percorrer o caminho do voltar, o voltar para a comunidade como fizeram os discípulos de Emaús. Partilhar da experiência, do encontro com o Senhor, desfigurando esse molde, que “o” tornou um tabu cercando a humanidade nessa era. Envolvendo o homem em sua obscuridade de si próprio como também com Deus, perdendo a sacralidade de sua humanidade frente aquilo que é colocado para ele. Posse dizer como Ratzinger que “Quem não conhece Deus não conhece o homem, e quem esquece Deus destrói a humanidade do homem, ignorando a sua verdadeira dignidade e grandeza.”(2014, p. 109).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea encontra-se construída a partir de diferentes relações que tem em comum a linguagem. É por meio dela que são instituídos e reproduzidos discursos capazes de promover o necessário entendimento mútuo entre os homens, ao mesmo tempo, podem gerar processos de objetivação do sujeito, oriundos das relações de poder-saber, exercidos sobre ele. Diante desse cenário, e sob a égide da racionalização, um marco evidente desse itinerário histórico, a provocação central proposta por Michel Foucault consiste em responder aos seguintes questionamentos: “Quem somos nós hoje”, “O que os discursos fizeram de nós?”. E como

o homem foi deixando de lado questões como a sacralidade, pronunciando até a morte de Deus. Através disto, analisamos o modo como o poder do discurso atravessam os seres humanos, formando isso que somos nós hoje, e o redescobrimto do Sagrado como um processo de libertação, foi nosso objetivo central.

Essa pesquisa concentra-se na Filosofia da Linguagem com fragmentos também da Filosofia da Religião. O método utilizado foi o descritivo e explicativo, recorrendo à diferentes bibliografias, especialmente, a obra *A ordem do discurso* de Michel Foucault e *Ser cristão na era neopagã* de Joseph Ratzinger. E a seleção de materiais em meio eletrônico, através do uso das palavras-chave: contemporaneidade, discurso, morte, Deus, homem, Emaús.

O que motivou esta investigação foi o fato de percebermos como a sociedade se encontra moldada (alienada), a certo discurso proferido pela linguagem do iluminismo, do capitalismo, da midiatização e das tecnociências. Decorrente disto, na contemporaneidade alguns temas, saberes e Seres são considerados “tabu” e outros tomados com maior relevância, como no caso da ciência, que tenta explica e resolver quase tudo.

Para dar conta do problema de pesquisa, aproximamo-nos de um diálogo metafórico com a presenças de Foucault e Ratzinger, para desvendar o que se esconde oculto nas entrelinhas do discurso, demonstrando formas de controle derivados do discurso social. O diálogo entre esses dois pensadores fora direcionado com uma forma de provocar na sociedade a resiliência a luz da passagem bíblica dos discípulos de Emaús. De modo apresentamos uma análise sobre a complexidade do discurso e como ele é capaz de modelar os indivíduos. Nesse sentido aproximamos os autores trazendo uma resposta significativa, mostrando como a linguagem pode gerar uma ordem social, controlado os corpos e objetivando, excluindo aqueles que não se deixam seduzir pelo discurso vigente.

É necessário fazer uma análise dos discursos que são proferidos, e quais são suas ordens, não se pode apenas considerá-los como simples palavras, mas como uma construção de significados, que vão estabelecendo a dinâmica política e social. Michel Foucault, chama atenção para as diversas relações de poder e saber, e como elas vão construindo os discursos que rodeiam a sociedade, determinam os corpos, descrevem as condutas e adestram os comportamentos. Assim, através do discurso, surge uma disciplina aplicada ao corpo, a qual cumpre a finalidade social de controle, dando vida a sociedade disciplinar e ao biopoder.

Ao percorrer as linhas que compõem as obras de Ratzinger e de Foucault, evidencia-se um alerta que tem como objetivo chamar a atenção do leitor para a necessária análise dos discursos que determinam a vida em sociedade. O homem é produto de um discurso que impõe uma série de práticas e modos de ser. É está a contribuição mais contundente que se pode extrair do pensamento desses dois pensadores. Dito de modo mais claro, é preciso questionar a ordem do discurso, descobrir o que se esconde por detrás deles, bem como evidenciar seu sentido social, ou seja, o modo como ele pretende determinar até as relações, como a sacralidade e até matando Deus. Foucault deixa manifesto que, do ponto de vista discursivo, não existe neutralidade. Todo discurso é uma forma de impor a verdade a outrem. A morte do próprio homem proclamada por pelo pensamento foucaultiano é necessária nessa era, para que ele mesmo possa fazer a experiência do sagrado como uma libertação.

O indivíduo, por causa do torpor exercido pelo discurso perde o controle da própria vida e se torna um barco que perdeu o leme, ficando à deriva no mar. A vida, não é mais guiada por se, e sim é vigiada e controlada, agitada pela linguagem através da vontade, desejo e razão de outro. Transcurando a prudência e a atenção providente, o homem deixa desguarnecidas as portas da razão e os vícios desenfreados se tornam donos, atirando o seu ser no remoinho das circunstâncias que ditam a sociedade contemporânea. Então é cada vez mais moldado, se tornando insensível e indiferente com questões que foram dadas como tabu.

O abrir os olhos e o voltar como fizeram os discípulos de Emaús proporciona a construções do homem atual. O retorno, possibilita um voltar às origens, não estagnando ao passado, mas capaz de colocar a humanidade em um movimento produzindo uma ação que proporciona ressignificação de se próprio. A vivência com sagrado é fundamental, fazendo com que os indivíduos passem pela sua própria morte, sendo apto a fazer a verdadeira crítica à racionalidade ditada pelos discursos que compõe a modernidade. Fazendo assim, sua auto emancipação, saindo desse ocultamento envolvente e controlador que atinge a todos nós, nos colocando na obscuridade do Sábado Santo que é capaz de marta nosso próprio ser.

Deste modo, esperamos que esta pesquisa contribua com as questões aqui abordadas e que o tema seja propício para que ocorram várias outras reflexões no ambiente acadêmico. Temos clareza dos limites de nossa pesquisa, uma vez que elementos secundários ao tema principal não foram devidamente explorados o que abre ainda mais espaço para a realização de pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ARMANI, Carlos Henrique. **A morte de Deus e a contemporaneidade**. Cidade: editora, 2007.

AUTHIER, J. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. *Langue Française*, n.53, p.34-47, 1982.

BERNARDES, Genilda D'arc. A ordem do discurso (Michel Foucault). **Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**. México, v. 7, n. 2, p. 247-250, jul./dez. 2004.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.

DIERKEN, Jörg. A autonomia da razão e seu sentido teológico: o debate entre Habermas e Ratzinger sobre razão e religião. **É: revista ética e filosofia política**. vol. 2. n°. XVII. dez. 2014.

**DOCUMENTO DE APARECIDA**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CCB, Paulinas, Paulus, 2007.

**DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. São Paulo: Paulus, 2001. 733. P (Coleção Clássicos de bolso). Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia.

DUQUE, João Manuel. **Ambiguidades da secularização entre modernidade**. Comunicação e cultura. n°. 11. p 19-35. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANCO, Clarissa de. Ateísmo, evolução e cognição bases conceituais de sustentação do neodarwinismo de Richard Dawkins. In VALLE, Edenio. (Org) **Ateísmos e irreligiosidades: tendências contemporâneas**. São Paulo: Paulinas, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. vol.4. n.11. p. 11-25. nov. 2007.

JÚNIOR, Alcides de Sousa Coelho; MENDES, Luís Roberto Sousa. O homem pós-moderno e a metodologia de Foucault. **Revista Húmus**. vol. 5, num. 14. 2015.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”**. Tradução de Artur Morão. Cidade: Lusosofia, ano 1784.

MARX, Karl, e ENGELS, F. **Obras escolhidas**. Tomo I. Lisboa/Moscovo: Edições Avante!/ Edições Progresso, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Lisboa Guimarães Editores, 2000.

PINKER, S. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PLATÃO. **Diálogos: o Banquete – Fédon – Sofista – Político**. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 269 (Coleção Os Pensadores).

QUEIROZ, José J. **Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno**. Linguagem e religião. Rever. n° 2. 2006. p. 1-23.

RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã**. vol. 1. Campinas: Ecclesiae, 2014.

\_\_\_\_\_. Discurso do Papa Bento XVI na sessão inaugural da V Conferência geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. In: **PALAVRAS do Papa Bento XVI no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 116.

ROCHA, Alessandro. Morte de Deus e libertação da metáfora uma leitura da morte de Deus em F. Nietzsche a partir da filosofia da religião de G. Vattimo. **Estudos de Religião**, v. 25, n. 40, 146-161, jan./jun. 2011.

ROSADA, Mateus. **Divinização do dinheiro, secularização de Deus**. Monografia (Disciplina de Pós-Graduação), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. Disponível em <encurtador.com.br/dmwV3>. Acesso em: 14 jul 2020.

SILVA, Jean Carlos da. **A essência de; A Ordem do Discurso**. Conteudo Jurídico, Brasília – DF: 15 jul 2020. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/43558/a-essencia-de-quot-a-ordem-do-discurso-quot>. Acesso em 15 jul 2020.

SOUSA, Simone Aparecida de. **Discurso, autor e sujeito dentro da obra A Ordem do Discurso de Michel Foucault**: uma análise metadiscursiva. Caratinga: UNEC -MG, 2010.

WAIZBORT, Leopoldo. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em Sociologia: Editora 34, 2000.

